

Inclusão de estudantes com distúrbios de comunicação: revisão integrativa de literatura das produções científicas dos últimos 10 anos

Inclusion of students with communication disorders: an integrative literature review of scientific productions from the last 10 years

Inclusión de estudiantes con trastornos de la comunicación: una revisión integradora de la literatura de las producciones científicas de los últimos 10 años

Clayton Ferreira dos Santos Scarcella¹ 

Leandro Key Higuchi Yanaze¹ 

Resumo

Introdução: Um silêncio perturbador ecoa nas legislações, censos e pesquisas sobre estudantes com distúrbios de comunicação no Brasil. Enquanto inexistem informações oficiais relacionadas a estes brasileiros, há prevalência de 7,7% dos sujeitos em idade escolar com alguma alteração na fonação, na linguagem e na deglutição em território estadunidense. **Objetivo:** Buscamos responder como as produções acadêmicas brasileiras dos últimos 10 anos têm abordado a inclusão de estudantes com distúrbios da comunicação, e quais são as principais barreiras e estratégias identificadas para promover uma educação verdadeiramente inclusiva para esse público. **Método:** Trata-se de uma análise integrativa de dissertações e teses de 2014 a 2024, disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, a partir de sete pontos principais: 1) persistência de barreiras atitudinais e comunicacionais; 2) formação continuada de profissionais; 3) necessidade de implementação de tecnologias assistivas; 4) relevância

¹ Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

CFSS: concepção do estudo; coleta de dados; esboço do artigo.

LKHY: metodologia; revisão crítica; orientação.

E-mail para correspondência: clayton.scarcella@unifesp.br

Recebido 12/02/2025

Aprovado: 16/03/2025

do diálogo família-escola; 5) questionamento dos conceitos de normalidade e patologia; 6) impacto das dificuldades comunicacionais no desempenho acadêmico; 7) importância de ambientes educacionais acolhedores. **Resultados:** Persistem barreiras comunicacionais e atitudinais em diferentes níveis de ensino e há a necessidade de formação continuada de educadores, sobretudo sobre o potencial das tecnologias assistivas. **Conclusão:** A inclusão efetiva requer transformação nas práticas pedagógicas e nas concepções sociais sobre normalidade e patologização dos distúrbios de comunicação, demandando práticas colaborativas entre escola, família e profissionais especializados.

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Educação Especial; Distúrbios da Fala; Transtorno Específico de Linguagem; Barreiras de Comunicação; Professores Escolares.

Abstract

Introduction: A disturbing silence echoes in legislation, censuses, and research on students with communication disorders in Brazil. While there is no official information related to these Brazilians, there is a prevalence of 7.7% of school-age subjects with some alteration in phonation, language, and swallowing in the United States. **Objective:** We seek to answer how Brazilian academic productions in the last 10 years have addressed the inclusion of students with communication disorders, and what are the main barriers and strategies identified to promote a truly inclusive education for this audience. **Method:** This is an integrative analysis of dissertations and theses from 2014 to 2024, available in the Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, based on seven main points: 1) persistence of attitudinal and communication barriers; 2) continuing education of professionals; 3) need to implement assistive technologies; 4) relevance of family-school dialogue; 5) questioning the concepts of normality and pathology; 6) impact of communication difficulties on academic performance; 7) importance of welcoming educational environments. **Results:** Communication and attitudinal barriers persist at different levels of education and there is a need for continued training of educators, especially on the potential of assistive technologies. **Conclusion:** Effective inclusion requires transformation in pedagogical practices and in social conceptions about normality and pathologization of communication disorders, demanding collaborative practices between school, family and specialized professionals.

Keywords: School Inclusion; Special Education; Speech Disorders; Specific Language Impairment; Communication Barriers; School Teachers.

Resumen

Introducción: Un silencio inquietante resuena en la legislación, en los censos y en las investigaciones sobre estudiantes con trastornos de comunicación en Brasil. Si bien no existe información oficial relacionada con estos brasileños, existe una prevalencia de 7,7% de sujetos en edad escolar con alguna alteración en la fonación, lenguaje y deglución en territorio estadounidense. **Objetivo:** Buscamos responder cómo las producciones académicas brasileñas de los últimos 10 años han abordado la inclusión de estudiantes con trastornos de comunicación, y cuáles son las principales barreras y estrategias identificadas para promover una educación verdaderamente inclusiva para este público. **Método:** Se trata de un análisis integrador de las disertaciones y tesis de 2014 a 2024, disponibles en la Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, basado en siete puntos principales: 1) persistencia de barreras actitudinales y de comunicación; 2) formación continua de profesionales; 3) necesidad de implementar tecnologías de asistencia; 4) relevancia del diálogo familia-escuela; 5) cuestionar los conceptos de normalidad y patología; 6) impacto de las dificultades de comunicación en el rendimiento académico; 7) Importancia de los entornos educativos acogedores. **Resultados:** Las barreras de comunicación y actitudinales persisten en diferentes niveles de educación y es necesario capacitar continuamente a los educadores, especialmente sobre el potencial de las tecnologías de asistencia. **Conclusión:** La inclusión efectiva requiere transformación en las prácticas pedagógicas y en las concepciones sociales sobre la normalidad y patologización de los trastornos de la comunicación, demandando prácticas colaborativas entre escuela, familia y profesionales especializados.

Palabras clave: Inclusión Escolar; Educación Especial; Trastornos del habla; Trastorno específico del lenguaje; Barreras de comunicación; Maestros de escuela.

Introdução

A inclusão escolar, embora figure como um imperativo ético e legal no atual cenário educacional brasileiro, tem se mostrado um campo de investigação ainda incipiente quando se trata de estudantes com distúrbios da comunicação. Um exemplo prático é um estudo publicado pela Revista CEFAC¹ (*Current Evidence on Feeding, Audiology, and Communication*), que lança luz a uma lacuna no arcabouço legislativo nacional: das 21 normativas analisadas concernentes à inclusão, 13 abordam as deficiências de maneira generalista, enquanto as 8 restantes focalizam especificamente o transtorno do espectro autista. Essa distribuição assimétrica das políticas públicas suscita questionamentos sobre a invisibilidade institucional de outras condições que afetam a comunicação e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Para as autoras,

os indivíduos diagnosticados com Disfonias, Distúrbios da Fluência, Distúrbio Específico de Linguagem, Distúrbio Fonológico, Apraxias, Distúrbio do Processamento Auditivo, Fissuras labiopalatais, entre outros transtornos, isto é, indivíduos que também apresentam distúrbios na comunicação, encontram-se totalmente desamparados juridicamente¹ (p.9).

Não obstante a existência de um arcabouço legal que preconiza a educação inclusiva no Brasil, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional², a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva³ e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência⁴, a experiência vivenciada por estudantes com distúrbios da comunicação suscita o debate acerca da efetividade dessas políticas na prática cotidiana das instituições de ensino, uma vez que a mera presença de legislações não garante, por si só, a implementação de práticas verdadeiramente inclusivas⁵⁻⁶.

Embora a legislação brasileira garanta o direito à educação inclusiva, a realidade enfrentada por estudantes com distúrbios da comunicação levanta questões sobre a efetividade dessas políticas. Será que as escolas estão realmente preparadas para acolher e atender às necessidades específicas desses estudantes? Como as barreiras comunicacionais impactam o processo de aprendizagem e a socialização dos sujeitos no espaço escolar?

Esses estudantes enfrentam diversos desafios que impactam diretamente no processo de aprendizagem e socialização, como as dificuldades de acessibilidade⁵⁻⁷⁻⁸. Podemos definir as dificuldades de acessibilidade como as barreiras físicas, arquitetônicas, comunicativas, locomotivas e em algumas situações as chamadas barreiras atitudinais ocasionando limitações ao indivíduo e dificultando sua plena participação e o desenvolvimento dos sujeitos⁹⁻¹⁰.

As barreiras físicas e arquitetônicas referem-se aos obstáculos palpáveis que impedem ou dificultam a acessibilidade das pessoas. Na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/2015, em seu art. 53, “a acessibilidade é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social”⁴. As barreiras comunicacionais, por sua vez, estão relacionadas às dificuldades de compreensão e expressão que os sujeitos podem enfrentar. Estudantes que apresentam alterações na fala, na linguagem oral e escrita, na voz e na fluência, podem ter prejudicada sua interação com professores e colegas e a falta de conhecimento e de estratégias por parte dos educadores para lidar com essas especificidades pode agravar ainda mais essas barreiras¹¹⁻¹². Já em relação às barreiras atitudinais, sua superação está relacionada à atitude da pessoa que impulsiona a remoção de obstáculos em relação às pessoas com deficiência. Essas barreiras são as mais difíceis de serem eliminadas, pois envolvem a “percepção do outro sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações”¹³ (p.21). No contexto escolar, essas barreiras podem se manifestar na forma de baixas expectativas em relação ao potencial destes estudantes, na falta de preparo dos professores para lidar com suas necessidades específicas e na exclusão social por parte dos colegas¹⁴. Autores⁹⁻¹⁰⁻¹⁵ também conceituam as barreiras pedagógicas, que se referem às práticas educacionais que não consideram as singularidades e as potencialidades de cada estudante, e que “sem a participação efetiva da equipe de apoio, os professores trabalham sem maiores informações sobre as dificuldades apresentadas, de modo que a naturalização das condições existentes acaba se constituindo como uma possível barreira a mudanças e como defesa”⁹ (p.704).

O presente estudo teve como objetivo geral realizar uma pesquisa qualitativa do tipo revisão

integrativa de literatura das teses e dissertações publicadas por mestrandos e doutorandos brasileiros nos últimos 10 anos, buscando relacionar seus estudos na contribuição para o desenvolvimento da comunicação, autoestima e sentimento de pertencimento dos estudantes com distúrbios da comunicação humana no contexto escolar. Optamos por este tipo de revisão de literatura, a revisão integrativa, pois desempenha um papel fundamental no processo de atualização do pesquisador em sua área de concentração, ao proporcionar ao estudioso a oportunidade de se engajar na construção de novos conhecimentos, particularmente aquele dedicado ao campo da Educação, não apenas revisitando as referências que lhe são basilares, mas também se posicionando como potencial fonte de inspiração para futuras investigações¹⁶. Desta forma, a revisão integrativa contribui para o aprofundamento do conhecimento individual e o avanço coletivo da área de estudo, estabelecendo um ciclo contínuo de produção e disseminação de saberes.

Como objetivos específicos, este trabalho se propõe a: a) Identificar os tipos de barreiras enfrentadas pelos estudantes com distúrbios e dificuldades na comunicação nas unidades escolares, a partir da análise das produções acadêmicas selecionadas; b) Analisar as contribuições e os principais achados dos pesquisadores brasileiros sobre a temática, destacando as estratégias e intervenções propostas para a superação das barreiras identificadas; c) Propor uma discussão acerca das produções encontradas.

A justificativa para a realização deste estudo reside na escassez de pesquisas e dados censitários disponíveis que conectem as temáticas da educação inclusiva e distúrbios de comunicação no Brasil. Entre os poucos existentes, destaca-se a pesquisa sobre a prevalência de distúrbios de comunicação entre estudantes do ensino fundamental público de Vila Velha/ES, ao apresentar que 30,4% dos sujeitos pesquisados apresenta alguma alteração na comunicação¹⁷ e a revisão de literatura¹⁸ que aponta a alta prevalência de Transtornos do Desenvolvimento da Linguagem (TDL), afetando aproximadamente 7% da população.

Associações especializadas¹⁹ estimam que cerca de 1% da população brasileira vive com gagueira. Em comparação, pesquisas estadunidenses²⁰ indicam que 7,7% dos indivíduos em idade escolar apresentaram alguma alteração de voz, fala, linguagem ou de deglutição. Assim, “acredita-se que da mesma forma que são encontrados percentuais

significativos num país desenvolvido como os EUA, o mesmo deverá ocorrer no Brasil, talvez até com maior índice”²¹ (p.2).

Diante desse cenário de inexistência de políticas públicas e normatizações específicas a este grupo de sujeitos que caracteriza ausência de suporte jurídico¹ e continuidade das inúmeras barreiras que dificultam a plena participação e direitos de aprendizagem, o presente estudo busca responder à seguinte questão: Como as produções acadêmicas brasileiras dos últimos 10 anos têm abordado a inclusão escolar de estudantes com distúrbios da comunicação, e quais são as principais barreiras e estratégias identificadas para promover uma educação verdadeiramente inclusiva para esse público? Esta pergunta norteadora nos permite explorar não apenas o estado atual da pesquisa nesse campo, mas também identificar lacunas e oportunidades para futuras investigações e intervenções práticas.

Material e método

Esta revisão integrativa utilizou a função de busca avançada da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) como fonte primária de dados. A BDTD foi selecionada por sua abrangência, confiabilidade e reconhecimento acadêmico, com acesso a pesquisas de alto nível desenvolvidas em instituições brasileiras²¹. O recorte temporal estabelecido foi de 2014 a 2024, visando abranger estudos recentes sobre a inclusão escolar de estudantes com distúrbios de comunicação. A estratégia de busca foi estruturada em três blocos principais, combinados por operadores booleanos.

O primeiro bloco focou nos termos relacionados aos distúrbios da comunicação, incluindo: “distúrbios da comunicação”, “distúrbios da fala”, “transtorno de linguagem”, “transtorno motor da fala”, “transtorno fonológico”, “motricidade orofacial”, “gagueira”, “taquialalia”, “disfemia”, “afasia” e “taquifemia”.

O segundo bloco abrangeu termos associados ao contexto educacional: “escol*” (para capturar variações como escola, escolar), “educação inclusiva”, “inclusão escolar”, “alun?” (para incluir aluno, aluna), “educação especial” e “atendimento educacional especializado”.

O terceiro bloco, precedido pelo operador “NÃO”, visou excluir estudos não pertinentes ao escopo da pesquisa: “assessment”, “adult?” (para excluir estudos focados em adultos) e “reabilitação”.

Os blocos foram combinados da seguinte forma: (Bloco 1 E Bloco 2) NÃO Bloco 3. Esta estratégia de busca foi desenvolvida para maximizar a recuperação de estudos relevantes ao nosso escopo, focando na intersecção entre distúrbios da comunicação e o ambiente escolar, enquanto excluía pesquisas não diretamente relacionadas ao objetivo do estudo.

Utilizamos como critérios de inclusão teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação *strictu-sensu* brasileiros entre 2014 e 2024 que mencionassem em seu título, palavras-chave, resumo e considerações finais uma estreita relação

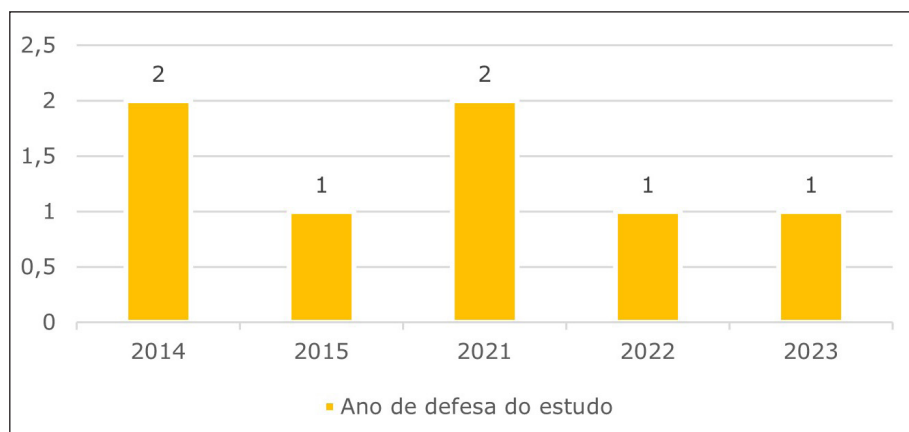
com a inclusão escolar deste público e as barreiras enfrentadas no contexto educacional. Como critérios de exclusão, estudos não diretamente relacionados à inclusão escolar e às barreiras de comunicação em ambiente estudantil, além de excluirmos estudos anteriores a 2014 e produzidos em programas estrangeiros. A busca inicial resultou em 122 publicações. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, e leitura flutuante do título, palavras-chave, resumo e considerações finais, sete estudos foram selecionados para análise que estão sistematizados no Quadro 1 e Gráficos 1, 2 e 3.

Quadro 1. Teses e dissertações analisadas

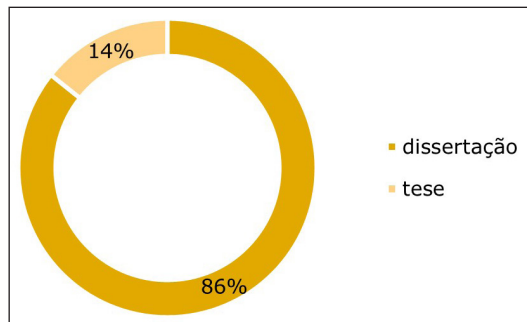
Autor, ano	Objetivo do estudo
Fernandes, 2014 (dissertação)	Identificar as repercussões sociais em indivíduos com distúrbios da comunicação associados às fissuras labiopalatinas com e sem perda auditiva.
Togashi, 2014 (dissertação)	Analisar as interações comunicativas de um aluno com TEA em ambiente de sala de aula regular, verificando os efeitos da utilização de um sistema de comunicação alternativa ampliada em contexto escolar
Santos, 2015 (dissertação)	Apresentar uma reflexão crítica, à luz da neurolinguística de base enunciativo-discursiva, acerca do conceito de fluência na normalidade e na patologia
Masuyama, 2021 (tese)	Analisar e compreender os saberes profissionais (re)significados pela experiência que compõem e alicerçam a formação do fonoaudiólogo para atuar na educação e na escola
Reis, 2021 (dissertação)	Identificar como ocorreram as interações entre um aluno com TEA não verbal e seus professores de referência no ano letivo e verificar se a oferta do seu sistema de CAA, com instruções diretas aos professores regentes e de apoio, poderia contribuir com o avanço na participação no contexto escolar
Piber, 2022 (dissertação)	Analisar a percepção dos pais/responsáveis de crianças com deficiência auditiva e de seus professores em relação ao impacto da deficiência nas relações familiares, sociais e escolares na cidade de Santa Maria - RS
Santos, 2023 (dissertação)	Investigar as habilidades de comunicação Social de estudantes universitários com transtorno do espectro autista (TEA) e sua relação com o desempenho acadêmico

Fonte: os autores

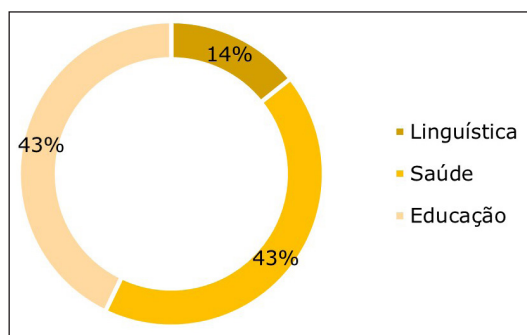
Gráfico 1. Ano e volume das publicações analisadas



Fonte: os autores.

Gráfico 2. Concentração percentual por tipo de publicação

Fonte: os autores.

Gráfico 3. Concentração das publicações por área do programa de pós-graduação

Fonte: os autores

A análise dos sete estudos selecionados foi conduzida através de uma abordagem sistemática. Primeiramente, realizou-se uma leitura integral de cada trabalho, seguida por uma categorização temática dos principais achados. As categorias emergentes incluíram: tipos de barreiras identificadas, estratégias de inclusão propostas, formação de profissionais, e impactos no desempenho acadêmico. Em seguida, procedeu-se a uma análise comparativa, buscando identificar convergências, divergências e lacunas entre os estudos.

Resultados

As barreiras comunicacionais, que se referem à falta de recursos e estratégias adequadas para a comunicação¹⁰⁻¹¹, podem ser desafiadoras para os estudantes com distúrbios da fala e da linguagem, ao passo que esses estudantes podem ter dificuldades para se expressar oralmente, para compreender as

instruções dos professores ou para interagir com os colegas, o que pode gerar sentimento de frustração, isolamento e baixa autoestima. Já as barreiras atitudinais, que envolvem preconceitos, estereótipos e discriminações¹⁰, podem ser ainda mais perniciosas para a inclusão dos estudantes com distúrbios da comunicação pois o estigma associado a condições que fogem ao padrão de fluência como a gagueira, a afasia ou a deficiência auditiva pode levar a atitudes de rejeição, bullying¹⁴ e exclusão por parte dos colegas e até mesmo dos professores. A partir dos achados deste estudo, optamos, nesta primeira parte, fazermos a apresentação cronológica para, posteriormente, entrelaçarmos os estudos apontando suas convergências, divergências e lacunas.

A investigação acerca das implicações sociais vivenciadas por indivíduos com fissuras labiopalatinas, com e sem perda auditiva associada²², realizada no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC) da Universidade de São Paulo (USP), em Bauru, SP, lança luz sobre a construção de práticas pedagógicas inclusivas e a promoção da qualidade de vida dessa população. A autora, com base em uma metodologia quanti-qualitativa e em um estudo censitário com 52 participantes, divididos em dois grupos (com e sem perda auditiva), buscou traçar o perfil socioeconômico e cultural dos sujeitos, analisar suas relações familiares, escolares e sociais, e averiguar a utilização de recursos comunitários como suporte ao processo de reabilitação. A dissertação é estruturada em quatro eixos temáticos. De maior linearidade a este estudo, focamo-nos na inserção escolar, tema central do terceiro eixo de sua análise. Os resultados deste eixo indicam que a totalidade dos participantes frequenta o sistema educacional. A autora identifica relatos de dificuldades de interação social, desempenho escolar e vergonha da própria fala, voz e estética, o que reforça a necessidade de se construir um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo, que acolha a diversidade e promova o desenvolvimento integral de todos os estudantes⁵⁻⁹⁻¹⁰⁻²².

O estudo sobre os efeitos da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) no processo de inclusão de um estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e distúrbios na comunicação⁷, realizada em uma escola municipal do Rio de Janeiro, desdobra-se em dois estudos interligados acerca da utilização do sistema PECS-Adaptado (*Picture Exchange Communication System*) como ferramenta para promover a comunicação e a participação

do estudante em diferentes contextos escolares. A dissertação¹⁸ apresenta contribuições para a construção de práticas pedagógicas inclusivas para estudantes com distúrbios da comunicação. Nela é demonstrada a viabilidade do uso do PECS-Adaptado como ferramenta para promover a comunicação e a participação de estudantes com TEA. Destaca a autora, corroborada em pesquisas posteriores²³⁻²⁵, a necessidade de formação continuada para os profissionais envolvidos e a necessidade de se estabelecer uma dinâmica colaborativa entre professor regente e profissional de apoio.

Embora a fluência seja um tema recorrente na literatura existente sobre Gagueira, a Afasia e a Demência de Alzheimer, sua definição permanece, muitas vezes, vaga e imprecisa, o que dificulta a delimitação entre o normal e o patológico²⁶. Tecendo um panorama histórico-crítico da construção do conceito de fluência destas patologias de fala e linguagem, a autora destaca os aspectos emocionais, contextuais e interacionais que influenciam a fluência, argumentando que as disfluências podem exercer funções cognitivas, discursivas e pragmáticas na interação verbal. Sua dissertação se encaminha no sentido de contribuir para a compreensão da fluência, tanto na normalidade quanto na patologia e seus achados demonstram a necessidade de se romper com a visão dicotômica e simplificada da fluência, propondo um olhar além que considere a complexidade da linguagem, a singularidade do sujeito e a dinâmica da interação verbal. A autora argumenta que a fluência, longe de ser um conceito estanque e mensurável, é um fenômeno que se manifesta de forma única em cada sujeito, e que deve ser analisado em seu contexto específico.

Apresentando uma análise sobre os saberes profissionais que compõem a formação do fonoaudiólogo para atuar no âmbito educacional e escolar, a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp)²⁷, busca romper com a visão hegemônica biologizante e naturalizante que ainda permeia a prática fonoaudiológica, propondo uma abordagem que valoriza os saberes experienciais e a singularidade da atuação profissional no contexto estudantil. Argumenta que, embora a Fonoaudiologia tenha surgido a partir de demandas educacionais, sua trajetória foi marcada por um distanciamento do contexto escolar, com ênfase em práticas de reabilitação e tratamento de distúrbios da comunicação. A autora defende

o trabalho colaborativo do fonoaudiólogo com a equipe escolar, da participação na elaboração de políticas públicas educacionais e da desconstrução da visão patologizante que ainda permeia a compreensão do “não aprender” na escola. Argumenta, a autora, que a Fonoaudiologia Educacional tem um papel fundamental na promoção de uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes, independentemente da presença ou não de distúrbios da comunicação.

A investigação sobre os efeitos da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) nas interações entre um estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) não verbal e seus professores em uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de Ribeirão Preto – SP¹³ se debruça sobre a implementação do sistema PECS-Adaptado (*Picture Exchange Communication System*) no contexto escolar. Busca analisar as mudanças nos comportamentos comunicativos do estudante e dos professores a partir da introdução do recurso e da aplicação de estratégias de Ensino Incidental, aproveitando situações do dia a dia e interesses da criança para ensinar. O autor inicia sua análise contextualizando o CAA para a ampliação das possibilidades comunicativas de pessoas com necessidades complexas de comunicação, especialmente aquelas com TEA e ausência de fala funcional. O autor argumenta que a comunicação alternativa, para além da dimensão instrumental, requer a construção de um ambiente comunicativo acolhedor e a presença de interlocutores competentes e proativos, com acessibilidade atitudinal. Sua pesquisa, delineada como um estudo do tipo AB (Linha de Base e Intervenção), acompanhou um estudante de 10 anos com TEA e usuário do sistema PECS-Adaptado em início da Fase 4, e seus quatro professores do ensino comum. Os dados foram coletados por meio de observações diárias de 21 minutos durante as aulas regulares, registrando as frequências de interações comunicativas estudante/professores e os tipos de comportamentos comunicativos apresentados. Os resultados da Intervenção revelaram mudanças nos comportamentos comunicativos do estudante e dos professores. O estudante passou a utilizar o álbum de forma mais frequente e espontânea para comunicar seus desejos, necessidades e sentimentos, diminuindo a incidência de comportamentos inadequados. Os professores, por sua vez, demonstraram maior interesse em interagir com o estudante, utilizando o álbum para fazer perguntas,

dar instruções, aguardar suas respostas, incentivar sua comunicação e oferecer *feedbacks*.

Ao examinar a percepção de pais/responsáveis e professores acerca do impacto da deficiência auditiva nas relações escolares e sociais de crianças incluídas em escolas estaduais de Santa Maria, Rio Grande do Sul⁸, a pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que utiliza uma abordagem quantitativa, com delineamento descritivo e transversal, analisa os dados coletados por meio de questionários aplicados a 26 pais/responsáveis e 16 professores. A pesquisadora inicia sua análise apresentando dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) que apontam para a alta prevalência da deficiência auditiva (DA) no mundo, estimada em 466 milhões de pessoas, sendo 34 milhões crianças. A autora destaca o impacto da DA na qualidade de vida, especialmente no desenvolvimento infantil, e a necessidade de pesquisas que investiguem a percepção dos atores envolvidos no processo de inclusão escolar. A pesquisa, estruturada em torno de dois grupos amostrais (pais/responsáveis e professores), busca traçar um perfil das crianças com DA, analisar os fatores que os pais/responsáveis consideram positivos e negativos em relação à inclusão escolar, e investigar a percepção dos professores sobre o processo de inclusão e a construção de relações sociais dessas crianças na escola. Os resultados da pesquisa mostram que pais/responsáveis e professores compartilham a percepção de que a escola é um espaço que amplia o convívio social das crianças com DA, embora reconheçam as dificuldades enfrentadas por esses estudantes na comunicação. Os pais/responsáveis apontam que seus filhos, frequentemente, encontram dificuldades para se comunicar com os colegas, enquanto os professores relatam dificuldades para ensinar crianças com DA, especialmente pela falta de intérpretes de Libras e pela baixa utilização de tecnologias assistivas como o Sistema de Frequência Modulada (FM).

A pesquisa¹², realizada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), investiga a relação entre as habilidades de comunicação social e o desempenho acadêmico de estudantes universitários com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com nove estudantes diagnosticados com TEA e matriculados em cursos de graduação, apresenta os desafios enfrentados por esses estudantes no

contexto do ensino superior e as implicações dos déficits na comunicação social para sua trajetória acadêmica. A pesquisa, fundamentada na perspectiva sociocultural do desenvolvimento humano, que enfatiza a aprendizagem como fruto da interação social e da comunicação entre indivíduos, utiliza uma metodologia quali-quantitativa para analisar os dados coletados por meio de entrevistas individuais, questionário online e avaliação das habilidades pragmáticas de comunicação. A autora busca traçar um perfil socioeconômico e educacional dos participantes, descrever as medidas de desempenho acadêmico, identificar os aspectos da linguagem pragmática e analisar as habilidades de comunicação social. Os resultados desta pesquisa demonstram que os participantes, em sua maioria mulheres, com idade média de 22 anos e baixa renda, enfrentaram dificuldades na comunicação social desde a educação básica, incluindo experiências de preconceito e *bullying*. No ensino superior, os estudantes relataram dificuldades no acompanhamento do currículo, com reprovações e possibilidade de conclusão do curso além do tempo previsto. A avaliação das habilidades de comunicação social evidenciou alguns déficits, como em relação a compreensão e processamento de informações em sala de aula, na participação em discussões e atividades em grupo, na interação com colegas de classe e professores, e na autonomia para lidar com os desafios acadêmicos. A autora conclui que há uma relação entre a comunicação social dos estudantes universitários com TEA e seu desempenho acadêmico, salientando a importância de implementar adequações pedagógicas que garantam a permanência desses estudantes, alinhando-se aos princípios da educação inclusiva. A partir dessa perspectiva, segundo a autora, a inclusão de estudantes com distúrbios da comunicação e da fala, seja no ensino básico ou no ensino superior, exige a superação de uma visão homogeneizante da comunicação, que privilegia a linguagem verbal e ignora outras formas de expressão.

Discussão

Nossa sociedade supervaloriza a aparência e tende a marginalizar o que foge ao padrão, “uma sociedade totalmente preocupada com a imagem e julgadora das diferenças”²² (p.27), que reflete diretamente no ambiente escolar e nas práticas pedagógicas. Essa constatação dialoga com pes-

quisas que defendem reconhecer as singularidades de fluências, nos quais a diferença seja acolhida e valorizada⁵⁻¹¹⁻¹³⁻²⁶. Essa desconstrução do conceito de normalidade, especialmente no que tange à comunicação e à fala, é abordada de forma contundente pela autora: ao argumentar que a fluência, longe de ser um conceito estanque e mensurável, é um fenômeno multifacetado, que se manifesta de forma única em cada sujeito, e que deve ser analisado em seu contexto específico²⁶.

A formação de profissionais capacitados para lidar com a diversidade comunicacional é outro aspecto fundamental na quebra de paradigmas, com formação que contemple saberes pedagógicos, sociais, políticos e culturais, além dos conhecimentos específicos da Fonoaudiologia²⁷. A autora defende que é necessário, à escola,

“observar como é a relação da criança com seus pares e com o professor, se participa ou não participa da aula; entender o que é proposto para esta criança, como é trabalhado, que tipo de recursos usam, se proporciona oportunidades para as crianças participarem, discutir, propor e incentivar que as equipes escolares incluam os gêneros orais e literários nos planos de ação, provocar o professor ou outro profissional a desmontar aquilo que já tinha como verdade para enxergar uma outra possibilidade, favorecer que a singularidade do humano apareça, compor com a equipe gestora da escola, com grupo de professores e outros educadores um olhar que complemente não a partir das patologias, mas a partir do direito à aprendizagem, entre outros”²⁷ (p. 152).

Essa visão se alinha à proposta que demonstra a eficácia da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) na promoção da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não verbais¹³. O autor ressalta que para além da dimensão instrumental, “a comunicação alternativa tem, antes de tudo, a necessidade de interlocutores competentes e proativos com acessibilidade atitudinal”¹³ (p. 5).

No contexto do ensino superior, os desafios comunicacionais persistem e se complexificam¹²⁻²⁸:

“A falta de acessibilidade educacional no ambiente universitário, identificada pela ausência de estratégias educacionais para promoção de uma educação inclusiva, é um fator gerador de angústia, ansiedade e barreiras à aprendizagem, com impacto sobre o desempenho acadêmico e participação dos estudantes com TEA”¹² (p. 7).

Essa constatação dialoga com a pesquisa que identifica relatos de dificuldades de interação social e desempenho escolar em estudantes com fissuras labiopalatinas²², evidenciando que as barreiras comunicacionais permeiam toda a trajetória educacional dos indivíduos com distúrbios da comunicação⁷.

Uma descoberta recorrente é a persistência de barreiras atitudinais e comunicacionais em diferentes níveis de ensino. Apesar de focarem em públicos distintos (indivíduos com fissuras labiopalatinas e estudantes universitários com TEA, respectivamente), pesquisas¹²⁻²² identificam dificuldades semelhantes na interação social e no desempenho acadêmico.

Enquanto estudos propõem soluções tecnológicas para distúrbios específicos¹³ (no caso, o TEA), outras questionam a própria noção de patologia na comunicação²⁶, argumentando que a fluência é um fenômeno que se manifesta de forma única em cada sujeito, uma perspectiva que desafia abordagens tradicionais e medicalizantes.

Relacionando divergências na percepção de pais/responsáveis e professores sobre as dificuldades enfrentadas por crianças com deficiência auditiva, indicando a necessidade de maior diálogo entre família e escola⁸, contrasta com a abordagem que foca na interação professor-aluno mediada pela CAA¹³, sugerindo que a inclusão de tecnologias assistivas tende a favorecer em maior amplitude o processo de inclusão.

Implicações práticas e lacunas percebidas

As pesquisas analisadas apontam para diversas implicações práticas, como:

- Necessidade de formação continuada para educadores, que contemple aspectos técnicos, pedagógicos e socioculturais¹³⁻²⁷.
- Implementação de tecnologias assistivas e estratégias de CAA, com foco na singularidade de cada estudante¹³.
- Promoção de um ambiente escolar acolhedor e livre de estigmas, desde a educação básica até o ensino superior¹²⁻²².
- Fortalecimento do diálogo entre família e escola para que se possa compartilhar as dificuldades e as potencialidades dos estudantes⁸.
- Adoção de uma perspectiva crítica sobre os conceitos de normalidade e patologia na comunicação²⁶.



A inclusão é um caminho sem volta¹⁰, mas ainda repleto de obstáculos a serem superados⁶⁻¹²⁻¹⁷⁻²². A construção de uma educação verdadeiramente inclusiva requer uma transformação que vá além das práticas pedagógicas, integrando as concepções sociais sobre normalidade, diferença e comunicação.

Nesse sentido, pesquisas analisadas¹³⁻²⁶⁻²⁷ dialogam com o pensamento de que a inclusão não pode ser vista como um projeto técnico, mas como uma postura ética diante da alteridade¹⁵, que nos convida a repensar nossas próprias concepções sobre o que é ser humano e sobre o que é educar, sobre a necessidade de uma formação que transcenda os aspectos tecnicistas e abraça saberes pedagógicos, sociais e culturais.

A formação continuada de profissionais da educação emerge como um ponto crucial em várias pesquisas analisadas, o que encontra ressonância aos que defendem que a formação de professores deve ser construída dentro da profissão, baseando-se na aquisição de uma cultura profissional que

“não representa nenhuma desvalorização dos saberes teóricos ou científicos, mas antes a vontade de os ressignificar no espaço da profissão pois, é na complexidade de uma formação que se alarga a partir das experiências e das culturas profissionais que poderemos encontrar uma saída para os dilemas dos professores”²⁹ (p. 11).

A tecnologia surge como um elemento promissor na promoção da inclusão, como evidenciado na pesquisa sobre CAA¹³. No entanto, acreditamos que por si só não é uma solução mágica para os desafios educacionais e seu potencial só se realiza quando integrada a práticas pedagógicas que desafiem barreiras que comprometem acessos.

As pesquisas analisadas deixam claro o poder do diálogo entre família e escola⁸⁻³⁰, constatação preconizada por quem defende ter como parceiras as famílias e a comunidade na elaboração e no cumprimento do projeto escolar⁹.

Considerações finais

Para enfrentar esses desafios, acreditamos ser imprescindível que os pesquisadores da educação e da pedagogia se apropriem do conhecimento produzido pela fonoaudiologia sobre os distúrbios da comunicação e o adaptem para o contexto educacional. Isso requer um diálogo interdisciplinar e

uma postura de abertura para a construção de novos saberes e práticas que atendam às demandas desses estudantes. Além disso, é necessário que a formação inicial e continuada dos professores contemple a temática dos distúrbios da comunicação e da inclusão escolar. Os currículos dos cursos de pedagogia e licenciaturas precisam abordar esses temas de forma que proporcione aos futuros educadores o conhecimento teórico e prático necessário para lidar com a diversidade comunicativa em sala de aula. Da mesma forma, os programas de formação continuada devem oferecer oportunidades de atualização e aperfeiçoamento para os professores que já estão em exercício. Entendemos que a pesquisa educacional deve se debruçar sobre a temática dos distúrbios da comunicação e da inclusão escolar, produzindo conhecimentos que subsidiem a formulação de políticas públicas e a transformação das práticas pedagógicas.

Apesar das contribuições, as pesquisas analisadas apresentam algumas lacunas que merecem atenção em estudos futuros, como a escassez de pesquisas longitudinais que acompanhem a trajetória educacional dos estudantes com distúrbios de comunicação ao longo do tempo; Limitada exploração das intersecções entre distúrbios de comunicação e outros marcadores sociais, como raça, gênero e classe social; Pouca atenção às experiências e perspectivas dos próprios estudantes com distúrbios de comunicação, privilegiando o olhar dos profissionais e familiares; Necessidade de mais estudos sobre a eficácia de diferentes abordagens pedagógicas em contextos educacionais diversos.

As pesquisas também apresentam desafios que persistem ao longo do tempo e outros que emergem com as transformações sociais e tecnológicas. Apesar de quase uma década de diferença, duas pesquisas¹⁷⁻⁶ identificam barreiras atitudinais semelhantes enfrentadas por estudantes com distúrbios de comunicação. Isso sugere que, apesar dos avanços legais e teóricos no campo da educação inclusiva, a mudança de mentalidade e práticas ainda é um processo moroso.

As pesquisas analisadas também oferecem subsídios importantes para a formulação e aprimoramento de políticas públicas voltadas à educação inclusiva, como lacunas na acessibilidade educacional no ensino superior¹², que apontam para a necessidade de políticas que contemplem o acesso



e, sobretudo, a permanência e o sucesso acadêmico de estudantes com distúrbios de comunicação em todos os níveis de ensino.

Referências

- Godoy VB, Faiad LN, Machado MA, Crenitte PA, Lamônica DA, Hage SR. Legislação brasileira e a inclusão escolar de indivíduos com distúrbios da comunicação. *Rev CEFAC* (Online). 2019; 21(3): e15518; doi: 10.1590/1982-0216/20191215518.
- Brasil. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Casa Civil. 1996.
- Brasil. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: Ministério da Educação. 2008.
- Brasil. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*. 7 jul 2015;152(127): 2-11
- Rossi ID, Silva RL da. O direito à educação inclusiva no Brasil: estratégias de acessibilidade para crianças e adolescentes com deficiência. *Disciplinarum Scientia | Sociais Aplicadas*. 2023;19(2):109–125; doi: 10.37778/dscsa.v19i2.4700.
- Pletsch MD, Oliveira MC. Políticas de educação inclusiva: considerações sobre a avaliação da aprendizagem de alunos com deficiência intelectual. *Revista Educação, Artes e Inclusão* 2014;10(2):125–137; doi: 10.5965/198431781022014125.
- Togashi CM. A Comunicação Alternativa e Ampliada e suas contribuições para o processo de inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo com distúrbios na comunicação [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2014.
- Piber VD. Percepção de pais/responsáveis e professores sobre o processo de inclusão escolar de crianças com deficiência auditiva [dissertação]. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria; 2022.
- Silveira KA, Enumo SR, Rosa EM. Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura. *Rev. bras. educ. espec.* (Online). 2012;18(04): 695–708. doi: 10.1590/S1413-65382012000400011
- Sassaki RK. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Rev. bras. reabilit*. 2009; 12:10-6.
- Nascimento JA, Seixas JA. Deficiência auditiva e surdez: do abandono à inclusão. *Boletim de Conjuntura*. 2021; 8(24): 74–86; doi: 10.5281/zenodo.5750230.
- Santos TS. Comunicação social em estudantes universitários com TEA: Implicações para o desempenho acadêmico. [dissertação]. Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco; 2023.
- Reis HC. Os efeitos de ações formativas nas interações mediadas pela comunicação alternativa por alunos com TeA [dissertação]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 2021.
- Zamprogno MP, Mandrá PP, Gonçalves TC, Jorge TM. Experiências de violência na escola na percepção de pacientes com gagueira. *Rev CEFAC* (Online). 2020; 22: e6020; doi: 10.1590/1982-0216/20202266020.
- Monteiro JL, Marchi RC. Reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas com estudantes com deficiência intelectual. *Rev. Educ. Espec.* (Online). 2023; 36: e69440. doi: 0.5902/1984686x69440
- Rodrigues AS, Sachinski GP, Martins PL. Contribuições da revisão integrativa para a pesquisa qualitativa em Educação. *Linhas Críticas*. 2022; 28: e40627–e40627. doi: 10.26512/1c28202240627.
- Dadalto EV, Nielsen CS, Oliveira EA, Taborda A. Levantamento da prevalência de distúrbios da comunicação em escolares do ensino público fundamental da cidade de Vila Velha/ES. *Rev CEFAC* (Online). 2012;14:1115–1121. doi: 10.1590/S1516-18462012005000024.
- Cáceres-Assenço AM, Giusti E, Gândara JP, Puglisi ML, Takiuchi N. Por que devemos falar sobre transtorno do desenvolvimento da linguagem. *Audiology - Communication Research*. 2020; 25: e2342; doi: 10.1590/2317-6431-2020-2342.
- Quantas Pessoas Que Gaguejam Existem No Mundo Todo? [homepage na Internet]. Associação Brasileira de Gagueira [atualizada em 2017 nov 07; acesso em 2024 set 9]. Disponível em: <https://www.abragagueira.org.br/2017/11/07/quantas-pessoas-que-gaguejam-existem-no-mundo-todo/>
- Black LI, Vahratian A, Hoffman HJ. Communication Disorders and Use of Intervention Services Among Children Aged 3-17 Years: United States, 2012. *NCHS data brief* (Online). 2015; (205): 1–8. PMID: 26079397.
- Brumatti JD. A contribuição da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações na disseminação do conhecimento nas áreas de Humanas e Sociais. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. 2015;11(1): 66–77.
- Fernandes TF. As repercussões sociais em indivíduos com distúrbios da comunicação associados às fissuras labiopalatinas com e sem perda auditiva [dissertação]. Bauru (SP): Universidade de São Paulo; 2014.
- Borges AS, Rocha JS, Justi J. Inclusão educacional do aluno surdo: uma perspectiva social e reflexiva. *Professare*. 2017. doi: 10.33362/professare.v6i3.1308.
- Mesquita RN, Dias G. Transtornos de linguagem: um olhar docente para as práticas educativas. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*. 2018; 5(2): 215–228; doi: 10.36311/2358-8845.2018.v5n2.16.p215.
- Santos FR dos, Prado LT, Frederigue-Lopes NB, Delgado-Pinheiro EM. Percepção e atuação de professores sobre o aluno com perda auditiva na escola. *Distúrbios Comun.* (Online). 2021; 33(3): 437–446. doi: 10.23925/2176-2724.2021v33i3p437-446
- Santos KP. A fluência em questão: da normalidade à patologia [dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2015.
- Masuyama PM. O fonoaudiólogo e seus saberes profissionais na Educação [tese]. Presidente Prudente (SP): Universidade Estadual Paulista; 2021.
- Oliveira AF, Santiago CB, Teixeira RA. Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista. *Educação e Pesquisa*. 2022; 48: e238947. doi: 10.1590/S1678-4634202248238947por.



29. Nóvoa A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. *Educação & Realidade*. 2019; 44: e84910. doi: 10.1590/2175-623684910.

30. Carvalho AS, Pereira PC, Camilla CV, Anchieta GO. TEA, família e escola - O trabalho em conjunto, relação de empatia. *Research, Society and Development*. 2021;10(15):e136101522820–e136101522820; doi: 10.33448/rsd-v10i15.22820.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

